

## **A fronteira de Frederick Jackson Turner. Uma nova história, uma nova historiografia.**

The frontier of Frederick Jackson Turner. A new history, a new historiography.

**Resumo:** A historiografia americana passou por importantes transformações ao final do século XIX e a obra de Frederick Jackson Turner é, em grande medida, responsável por essa mudança. Sua principal marca é a *Frontier Thesis*, apresentada no ensaio *The Significance of Frontier in American History* (1893), que responde à conjuntura específica do surgimento da escola historiográfica progressista na virada do século XIX para o XX. Este trabalho tem por objetivo caracterizar a mencionada mudança historiográfica, para tanto, efetuar-se-á a uma análise da tese da fronteira e uma descrição do cenário acadêmico antes e depois da mesma. Aspectos da vida pessoal do autor também serão destacados.

**Palavras-Chave:** Historiografia, Frederick Jackson Turner, Fronteira.

**Abstract:** American historiography underwent major changes in the end of the 19th century. The work of Frederick Jackson Turner is to a great extent responsible for this change, being the *Frontier Thesis* the most remarkable part of it. This Thesis was first presented in *The Significance of Frontier in American History*, a 1893 essay which is a response to the specific environment in which progressive historiography emerges, at the turn of the 19th to the 20th century. This paper aims to describe the aforementioned historiographical change. Therefore, an analysis of the Frontier Thesis and of its previous and subsequent academic setting is going to be carried out. Relevant aspects of the author's personal life will also be approached.

**Keywords:** Historiography, Frederick Turner, Frontier.

Em maio de 1893, tinha lugar em Chicago a *World's Columbian Exposition*, em comemoração aos quatrocentos anos do descobrimento das Américas pelo genovês Cristóvão Colombo. A cidade abrigava um evento que marcaria época pelo seu tamanho. A feira contava com as mais variadas atrações, entre elas uma série de seminários e palestras, chamada *World's Congress Auxiliary*, que contou com aproximadamente, seis mil palestrantes. Naquele ano, a feira abrigou o encontro anual da AHA (*American Historical Association*), entidade que desde 1884 promovia encontros de historiadores (BREISACH, 1993; p. 1-13).

A AHA foi fruto do empenho de pesquisadores que buscaram institucionalizar a disciplina histórica nos Estados Unidos (VAN TASSEL 1984; p. 929-956). Dentre os quais se incluem dois ícones dessa corrente, Hebert B. Adams e George Bancroft (POCOCK, 1984; p. 1016-1036). Em 1893, a associação deu oportunidade para que Frederick Jackson Turner, um jovem historiador de 31 anos, apresentasse um trabalho que marcaria época. O ensaio *The Significance of Frontier in American History*, rompia com a tradição historiográfica predominante até então, fundamentada na busca pela essência americana fora do continente. A proposta do jovem historiador era enxergar na fronteira a origem da nação. Segundo Turner: “A existência de uma área livre, seu contínuo recuo, e o avanço dos assentamentos americanos para o oeste, explicam o desenvolvimento da América” (TURNER, 1920; p. 1). Com seu ensaio, Turner não apenas mudava a maneira de se interpretar a experiência americana, mas, também, marcava seu nome na cena acadêmica americana. A *World’s Columbian Exposition*, em Chicago, fora organizada para celebrar o descobrimento da América e ao final, graças a Turner, outra América se descobria.

A trajetória pessoal de Turner até o dia da apresentação de seu trabalho é uma das variáveis atuantes por trás de seu ensaio, lido em doze de julho. Ele nasceu em Portage, Wisconsin, uma cidade símbolo do pioneirismo que movia desbravadores rumo ao oeste em busca de uma vida melhor.<sup>1</sup> A própria família de Turner fora pioneira. Chegaram à América no ano de 1636, juntando-se a outros milhares de famílias que foram pioneiras da ocupação da costa leste da América do Norte (BREWER, 1959; p. 240-259). Portanto, quando se olha para a biografia de Frederick Turner, um ponto fica claro: sua ligação pessoal com seu objeto de estudo, a fronteira americana. Ter sido criado em uma cidade do interior americano e ter tido antepassados que foram pioneiros na América tornavam a misteriosa fronteira um personagem bem familiar da vida desse historiador.<sup>2</sup>

Foi na Universidade de Wisconsin que Turner iniciou seus estudos a respeito da História. No entanto, foi no Instituto Johns Hopkins, durante sua pós-graduação, que Turner entrou em contato com a tese de que o “germe vital” das instituições americanas poderia ser encontrado entre os povos germânicos. O principal representante dessa corrente historiográfica era Herbert Baxter Adams, professor do jovem Turner no instituto (BILLINGTON, 1973; p. 65). Adams também era um símbolo do nascer acadêmico nos

---

<sup>1</sup> Frederick Turner nasceu em 14 de novembro de 1861.

<sup>2</sup> BILLINGTON 1978, p. 138: Nas palavras de Billington: “Turner was a living embodiment of the frontier values that he venerated.”

Estados Unidos, onde, paulatinamente, ocorria a ampliação dos programas de formação acadêmica (CUNNINGHAM, 1981; p. 266).

Antes de sua histórica apresentação em Chicago, Turner era uma figura pequena no meio acadêmico. Escolheu dissertar sobre o comércio indígena no Johns Hopkins, um tema vivo em seus trabalhos subsequentes (BREWER, 1959; p. 240). Em 1890, já com seus estudos concluídos, surge *The Significance of History*, uma palestra de Turner para professores do primário. O ensaio, daí derivado, se tornou um símbolo dos ideais do jovem professor no que tange à história (AVILA, 2010; p. 35). Mas foi a *Frontier Thesis* que lançou Turner para o ápice de sua carreira (BILLINGTON, 1973; p. 132).<sup>3</sup>

### **A Tese da Fronteira**

O *paper* que deu origem à tese, lido em 1893, possui um eixo central, o fechamento da fronteira estadunidense anunciado por um boletim do Censo de 1890 (TURNER, 1920; p. 1). Turner deixa claro que se trata de um encerramento da história americana: “Entre as décadas de 1860 e 1880, cerca de metade da atual área dos Estados Unidos já estava ocupada e já era explorada por norte-americanos”. (KARNAL; PURDY; FERNANDES; de MORAIS, 2011; p. 161). A partir daí, Turner desenvolve seu artigo.

Uma descrição complementar da tese da fronteira pode ser encontrada no ensaio *The Oldest West*, onde Turner analisa o primeiro momento da fronteira norte-americana (TURNER 1920; p. 67-125). O cenário de que trata o texto gira em torno das ações dos pioneiros das Treze Colônias, que necessitavam superar, além das dificuldades naturais, os habitantes nativo-americanos. Os novos habitantes pouco conseguiram avançar pelo interior do território – nada além de uma centena de milha da costa (TURNER, 1920; p. 67-68).<sup>4</sup> É nesse período de aparente estagnação que, de acordo com Turner, nascem as cidades de fronteira (*Frontiers Towns*) a primeira etapa do pioneirismo americano (TURNER, 1920; p. 39-40). Nesse momento, os primeiros americanos não eram apenas os primeiros a buscar a América como lar, mas antes, participavam de um processo maior, que envolvia um espectro de novas experiências e relações sociais criadas para um povo que, segundo Turner, teve a coragem de se lançar a terras desconhecidas, muitas vezes infestadas de índios e expostos a possíveis ataques franceses (TURNER, 1920; p. 269-288). Essas experiências ajudam a

---

<sup>3</sup> AVILA credita, também, no empenho de Turner na fundamentação do mundo acadêmico norte americano e no sucesso do autor. AVILA 2010, p. 32.

<sup>4</sup> Sobre a chegada dos pioneiros à América do Norte no século XVII ver: KARNAL; PURDY; FERNANDES; de MORAIS 2011, p.39-69.

explicar não só a diferença do homem da fronteira do homem de longe da fronteira, mas também a diferença entre americanos e europeus.

A tese da fronteira se sustenta no pressuposto de que os Estados Unidos são, em essência, diferentes da Europa. Para alimentar sua interpretação, Turner monta uma rede de comparações criadas com base em características políticas, valores e, em seguida, costura-os a regiões – velho mundo/novo mundo (OLIVEIRA, 2000; p. 134 e TURNER, 2010; p. 110). Quando não ataca diretamente a população europeia, Turner cria alegorias, nas quais personifica um “espírito europeu” dentro de norte-americanos presos “ao litoral”, portanto mais próximos geograficamente e ideologicamente da Europa. Segundo ele:

“A new society had been established, differing in essentials from the colonial society of the coast. (...)The creation of this frontier society – of which so large a portion differed from that of the coast in language and religion as well as in economic life, social structure, and ideals – produced an antagonism between interior and coast, which worked itself out in interesting fashion.”  
(TURNER, 2010; p. 107)

Dentro dessa cadeia comparativa, o que vem para diferenciar uns dos outros é a experiência de superar a fronteira, que marcava as sociedades do interior, mas não as do litoral. Para Turner, é na fronteira que ocorre o renascimento dos indivíduos que haviam cruzado o oceano. A sociedade da fronteira, afirma Turner, “era uma sociedade democrática, autossuficiente e de agricultura primitiva, na qual o individualismo era mais pronunciado do que a vida nas comunidades das ‘terras baixas’” (TURNER, 1920; p. 107.). É na fronteira que os europeus se tornavam americanos, pois esse espaço era responsável por “reiniciá-los” no mundo civilizatório. A fronteira “é o ponto de encontro entre selvageria e civilização”. (TURNER, 1920; p. 3). Os pioneiros da América não instalaram uma civilização pré-concebida e nem seguiram uma marcha inexorável rumo ao ponto mais alto da civilização, ao contrário, criaram algo único (CRONON; MILES; GITLIN, 1992; p. 6-7).

A ideia principal na base da interpretação de Turner é a de um conflito entre o “velho” e “novo” e é essa característica que o liga à corrente progressista. O conflito social, político e econômico gerado pelas migrações europeias na América – e o subsequente choque entre a população “de fato americana e os não americanos” – é o pilar central da tradição progressista. Turner, precursor do movimento, não foi o primeiro a observar como os conflitos agiam na história, porém foi o primeiro a colocar a situação de conflito em primeiro

plano, projetando-a sobre o espaço da fronteira.<sup>5</sup> O espírito forjado na fronteira causaria a fissão entre “Leste-Oeste”, elemento constante na interpretação de Turner. À medida que a fronteira se movimentava em direção oeste, num trajeto que parte da costa da Nova Inglaterra cruza o Meio Oeste e avança para além do Rio Mississippi, Turner desloca o cenário desse antagonismo. Ele aparece, por exemplo, na forma das rixas entre camponeses arrendatários do oeste e proprietário de terra do leste (CRONON; MILES; GITLIN, 1992; p. 110-111).

A tese encontrou uma boa recepção inicial, pois se contrapunha a interpretações consolidadas que buscavam as raízes da civilização estadunidense na cultura e nas instituições germânicas. Turner enfatizou que tais raízes não necessariamente devem ser encontradas na Europa. Não julgava importante retroceder às tribos germânicas para explicar a história dos Estados Unidos. Ao contrário, buscou na própria América a essência das instituições americanas. Turner traçou a origem de tal essência à fronteira, região que guardava lugar no imaginário americano. Ambiente da representação da liberdade e do “*self-made men*”, a área propícia para o surgimento das instituições estadunidenses na América (CRONON; MILES; GITLIN, 1992; p. 3).

Assim, a fronteira atuou por intermédio de etapas evolutivas, que guiaram os norte-americanos rumo a uma civilização autóctone. Quanto mais próximo a ela, mais “selvagem” os colonos seriam e quanto mais distantes, mais “civilizados”. Conforme o avanço ocorria, os pioneiros evoluíam, lentamente, “de caçadores para comerciantes de pele, e disso para boiadeiros e depois para fazendeiros, então finalmente para comerciantes e então finalmente manufatureiros” (CRONON; MILES; GITLIN, 1992; p. 7).

A principal e mais durável função da *Frontier Thesis* foi a “independência” da historiografia americana da europeia. Uma teoria com raízes americanas, influenciadas por características vindas do velho continente, mas não mais sendo uma mimese. Porém, é necessário ressaltar mais uma contribuição da tese, a formação dos EUA tal como uma nação através de regiões.<sup>6</sup>

Em um *paper*, redigido por Turner para o presidente Wilson em 1918, intitulado, “*Partidos Políticos Internacionais em uma Liga das Nações Durável*”, no primeiro de oito pontos, Turner comenta a respeito da geografia. “As regiões e províncias geográficas (dos

---

<sup>5</sup> O movimento se inicia com Turner e pode ser traçado até 1950, quando foi publicado *The New Nation* de Merriil Jensen. Sobre o tema do Conflito na historiografia progressista, ver HOFSTADTER 1968, p. 437. Sobre as migrações europeias para a América ver CRONON; MILES; GITLIN, 1992, p. 6.

<sup>6</sup> A chamada Tese do *Sectionalism*.

Estados Unidos)”, diz Turner “são comparáveis em área e em recursos às nações da Europa” (TURNER, 1942; p. 547-551). Além disso, essas regiões atuam para elas próprias e chega a existir um sentimento de nacionalismo por trás delas. O grande diferencial é que nos Estados Unidos, elas são ligadas por uma carta constitucional, derivada do congresso – onde todos são iguais – e esse congresso é um advento do sentimento democrático criado nos pioneiros pela fronteira.<sup>7</sup>

A dimensão geográfica é de extrema importância para Turner, mais importante do que, por exemplo, análises sociais ou raciais (BREISACH 1993, p. 80-85). Essas regiões dos Estados Unidos, equivalentes a países europeus – Meio Oeste, Rio Mississippi, Nova Inglaterra – foram frutos da geografia e dos elementos nela contidos. “Fora determinantes geográficas que moldaram interesses econômicos e a psicologia das pessoas nos Estados Unidos”, diz Turner (HOFSTADTER in TURNER; p. 100). Para terminar, ele deixa claro que as semelhanças terminam por aí. Na Europa, o desenvolvimento dessas regiões acabou por lançar umas contra as outras, enquanto nos Estados Unidos “as regiões não se tornaram rivais” (TURNER, 1942; p. 548).

Uma pergunta metodológica deve ser respondida: por que a escolha do Oeste? Por que Turner elegeu o campo, a raiz da “evolução social” nos Estados Unidos? Existe um conjunto de respostas que indicam um ponto em comum, a escolha foi realizada com base em circunstâncias e sentimentos pessoais do autor.

A circunstância é o cenário, no caso, Chicago 1893. A feira ali organizada comemorava os 400 anos da América, descoberta por Colombo (TUTTLE, 1967; p. 219). Tendo em vista Chicago como uma cidade símbolo do pioneirismo, do boletim de 1890 e do espírito social de pânico – medo da modernidade, sentimento difundido tanto na sociedade quanto no autor – Turner, sempre atento às circunstâncias de suas apresentações, exaltou o espírito de exploração dos americanos na fronteira (BREISACH, 1993; p. 7).<sup>8</sup> Uma virtude, na qual, se mostrava, também, um problema do autor, sempre caracterizado como um ensaísta e casualista.

Mais conhecido por seus ensaios do que por qualquer outra forma de trabalho, Turner não é autor de grandes livros ou artigos científicos, quase que totalmente ausentes de sua

---

<sup>7</sup> Sobre nacionalismo regional e o papel da constituição ver TURNER, 1942, p. 545-551.

<sup>8</sup> Turner acreditava na história como útil para a sociedade, e isso era o que o levava a esse pensamento “oportunista”, afinal, para ser história deveria, para ele, ser útil ligando passado e presente.

carreira, todavia, seus escritos causaram grande repercussão. *The Significance of The Frontier in American History* e *The Significance of History* são exemplos de como seus trabalhos influenciaram a história. O único livro que Turner planejou jamais ficou pronto. O livro cobriria de 1830 até 1850 e através dele que Turner imaginara consolidar seus ideais no mundo acadêmico (BREISACH, 1993; p. 83).

Os ensaios, escritos na virada do século XIX para o XX, atendiam às expectativas populares em relação à história. Turner mostrou, como responsável pela formação americana, um elemento americano. A Europa deixara de ser o centro e a fronteira, presente e universal, entrava em cena como propulsor da formação do povo americano.

Até então, a historiografia americana buscava fora dos Estados Unidos os pilares da nação – até a independência, fora originada por pressão externa, no caso, inglesa – algo que incomodava os leitores (BREISACH, 1993; p. 19-20). Com a fronteira no palco, uma clivagem surge, americanos e europeus são diferentes em essência, pois o processo civilizatório na América foi particularmente diferente do europeu. A fronteira gerou um país diferente de qualquer outra experiência do gênero.<sup>9</sup> Foi um momento de formar particularidades, onde novas oportunidades foram concedidas e a superação da natureza os ensinou a viver em conjunto, como um país.<sup>10</sup>

Em segundo lugar, a escolha da fronteira por Turner, pode ser traçada por motivos pessoais. Turner é um grande exemplo de interferência da subjetividade no trabalho do historiador. Sua vida, sua trajetória, seus sentimentos são a raiz de seu trabalho. Pode-se agora explicar, inclusive o motivo da existência de tamanha quantidade de obras biográficas a respeito dessa figura, são formas de explicar a razão da criação da *Frontier Thesis* – cabe lembrar que não se resume a apenas essa via.

O primeiro ponto já foi apresentado aqui, a trajetória de sua família ao longo da fronteira. O segundo ponto é o ódio que Turner cultivava contra cidades grandes. Turner gostava do campo, de pescar e não de viver em grandes centros. Um sentimento compartilhado por outros americanos (BILLINGTON, 1972; p. 148). As cidades americanas sofreram um *boom* populacional a partir do fim da Guerra Civil. Nelas era possível observar os dois extremos do acelerado processo industrial iniciado também depois da Guerra Civil. Prédios e indústrias dividiam o cenário com pobreza, violência e certa descrença no futuro

---

<sup>9</sup> Turner apenas considera Europa e Estados Unidos nessa jogo dicotômico.

<sup>10</sup> Essa é a visão de Turner.

(BREISACH, 1993; p. 7-8). Tendo esse ponto em vista, pode-se esclarecer o porquê da última frase de *The Significance of The Frontier in American History*.

And now, four centuries from the discovery of America, at the end of a hundred years of life under the Constitution, the frontier has gone, and with its going has closed the first period of American history. (TURNER, 1893; p. 38)

A desconfiança era generalizada e Turner acima de ser historiador era americano, portanto seus medos – e de seus contemporâneos – aqui podem ser vistos. Historiador do progresso? Sim, mas Turner não foi capaz de dar sequência a essa evolução. Ele a pontuou no primeiro parágrafo de sua obra prima, quando anuncia o fim de um período da história americana.

Os ideais democráticos, exacerbando um lado político do autor, também chamam a atenção. Turner é mais um dos três pilares da *West Revolt*, como chama Hofstadter. O passado da historiografia americana era monopolizado por um grupo de elite da costa leste americana, no qual enrijeciam a escrita da história com princípios puritanos. A chegada dessa nova geração – Turner, Beard e Perrington – mudou o eixo historiográfico estadunidense.<sup>11</sup> Turner, em específico, cultivava certa admiração por Andrew Jackson e Thomas Jefferson. Foram presidentes que incentivaram “correntes migratórias” rumo ao oeste – foi durante o governo de Jefferson, que ocorreu a histórica expedição de Lewis e Clark (BREWER, 1959; p. 240).<sup>12</sup>

*The Significance of Frontier in American History* veio em um momento único. O choque no mundo acadêmico foi grande, não obstante, um legado único surgiu de dentro da inovadora tese da fronteira, legado esse que perdurou por um período na historiografia americana. Turner é essencial para se entender a história do mundo acadêmico, e não apenas nos Estados Unidos, mas em toda a América.

## **Uma América sem Americanos**

Conhecer a historiografia precedente a Turner é fundamental para o bom entendimento de sua obra e para o reconhecimento do devido impacto de suas ideias. O autor da *Frontier Thesis* abarcou e rompeu com elementos concebidos por diferentes momentos da historiografia estadunidense. Tanto o período romântico quanto influências do pensamento

---

<sup>11</sup> Sobre a *Western Revolt* ver HOFSTADTER 1968, p.47-54. Sobre a influência do costa Leste na história precedente a Turner ver HOFSTADTER 1968, p.8-43.

<sup>12</sup> Sobre o avanço sobre o Oeste na era Jefferson ver KARNAL; PURDY; FERNANDES; de MORAIS 2007, p. 101-103.

teutônico – esse último, presente através de seu professor – são de igual importância para a formação de Turner como historiador. Isso não exclui, todavia, suas características próprias, já abordadas no presente artigo.<sup>13</sup>

A historiografia romântica nos Estados Unidos foi precedida por uma onda de manuscritos ligados a ideais patrióticos, que se encontravam espalhados por todo território no período pós-independência. A dificuldade em se encontrar arquivos era rival dos pretendentes ao trabalho de escrever sobre a independência, não obstante, fora a questão ideológica que formou um verdadeiro empecilho para esses iniciantes no trabalho historiográfico:

The first colonial histories had been colored by this motive; they had been promotional, celebratory, and then perhaps (as in the case of the Puritans) nostalgic or defensive; and after 1776 state historians built upon this legacy a literature touting the revolutionary merits of their own states... (HOFSTADTER, 1979; p. 9)

Não é possível traçar claramente um início para a historiografia romântica americana, porém, como aponta Frank Freidel, William Hickling Prescott pode ser visto como o primeiro da “geração dourada” da história americana. É através de seu plano de estudo que podemos traçar a força vital do “romantismo” norte-americano:

"1. Principles of grammar, correct writing &c; 2. Compendious history of North America; 3. Fine prose-writers of English from Roger Ascham to the present day, principally with reference to their mode of writing – not including historians, except as far as requisite for an acquaintance with style; 4. Latin classics one hour a day." (FREIDEL, 1959; p. 2)

A estética, portanto, era fundamental. Ao lado dela, residia a preocupação com a cultura intelectual. Cabe lembrar que os leitores dessa história, assim como seus escritores, eram, em geral, aristocratas e homens intelectuais, homens capazes de acessar livros e compreendê-los.

Grandes ícones da história americana figuram como “historiadores românticos”, por exemplo, Woodrow Wilson e Theodore Roosevelt, todavia foi George Bancroft que se destacou por ser o único de seu grupo preocupado com, exclusivamente, o desenvolvimento dos Estados Unidos (HOFSTADTER, 1968; p. 12).

Bancroft fora único por ter sido o primeiro a aplicar um fundo filosófico a sua história. Casando descrição factual, ideais germanistas, transcendentalismo kantiano e interesses políticos – Bancroft era político, mais um da longa lista de estadistas ligados à história no século XIX – ele se afastava de seus contemporâneos, que quase sempre, se limitavam à mera

---

<sup>13</sup> Para as influências da corrente germânica BREISACH 1993, p. 25. Para as influências românticas BILLINGTON 1972, p. 140.

crônica factual (HOFSTADTER, 1968; p. 15). Todavia, seu intenso patriotismo, foi responsável por uma série de imprecisões que residem por todo seu trabalho.

O romantismo é solapado com o nascimento dos primeiros cursos de história em meados do século XIX. Esse florescer foi influência direta da “escola metódica”.<sup>14</sup> É difícil demarcar um início para esse movimento, contudo, certo é, que ele conservou características do romantismo, abarcando, até mesmo, alguns escritores românticos em torno do objetivo de se profissionalizar a prática.<sup>15</sup>

A história da historiografia americana tende a apresentar o nome de Herbert Baxter Adams como um dos primeiros autores a simbolizarem a referida inflexão metódica. Isso pode ser explicado por causa do estreito vínculo entre Adams e a Alemanha, onde cursou seu doutorado em Heidelberg. Ele foi fortemente influenciado por Johann Gustav Droysen nome ligado ao processo de “renascimento da história tal como disciplina”.<sup>16</sup> Quando voltou para os Estados Unidos, em 1876, ele trouxe junto consigo essa enorme carga ideológica, representada através do teutonismo.<sup>17</sup> Pretendia patrocinar o “academicismo”, não apenas através da sala de aula, mas também por meio de uma Associação que uniria todos os que se interessassem em história. O resultado foi a AHA, fundada por ele e por mais alguns colaboradores, onde “amadores e profissionais” se congregavam em torno de uma prática história mais casada com os ideais e expectativas da sociedade.<sup>18</sup>

A criação da AHA estava casada com a formação de profissionais dentro dos Estados Unidos. Pesquisadores, cada vez em maior número, graças ao considerável aumento no número de departamentos voltados para o ensino da história, passaram a contar com um arcabouço de métodos e práticas, advindos da Europa e lecionados nos Estados Unidos por homens como Adams.<sup>19</sup> No entanto, o processo acabou tornando-se uma enorme perda para

---

<sup>14</sup> Para a utilização do termo “Escola Metódica” ver MARTINS, 2010, p. 10. Para constatar a transição paulatina de uma corrente para a outra ver MOURA, 1995, p. 15-18. Cabe ressaltar que não houve uma extinção da corrente romântica, ela coexistiu com o período de surgimento da “história ciência”, e, especialmente no caso americano, teve seu legado perpetuado através de métodos de escrita e retórica utilizados por autores até, pelo menos os anos 40.

<sup>15</sup> Na página indicada consta uma tabela, onde poderá ser encontrado o nome de alguns presidentes do *American Historical Association*, e nele consta nomes como W. Wilson e T. Roosevelt ao lado de personagens como Herbert B. Adams e F. Turner. Sobre o tema ver: POCKOCK 1984, p.1020.

<sup>16</sup> Sobre Johan Droysen ver: MARTINS 2010, p. 7-13. Sobre a influência de Droysen sobre Adams ver: CUNNINGHAM 1981, p. 266.

<sup>17</sup> Sobre Teutonismo ver MOURA 1995, p. 15.

<sup>18</sup> Existia, de fato, uma divisão entre “cientistas da história” e não cientistas. Sobre a divisão ver: VAN TASSEL 1984, p. 929-932.

<sup>19</sup> Sobre a contribuição de Adams ver: CUNNINGHAM 1981, p. 261. Sobre a formação de novos profissionais para a história nos Estados Unidos ver: HIGHAM 1951, p. 453-471.

os leitores de história. O radicalismo no processo gerou uma ruptura entre os historiadores e a sociedade. Mesmo a AHA, que pretensamente uniria público e autores, não conseguiu cumprir seu objetivo (BREISACH, 1993; p. 14-20).

O público esperava algo mais do que o teutonismo oferecia como origem da nação. O ideal ligava as instituições americanas a uma raiz germânica.<sup>20</sup> O “germe vital” das instituições americanas poderia ser encontrado entre os povos germânicos, isto é, que seria possível traçar uma linha evolutiva entre instituições que foram características de antigas tribos residentes da floresta negra e as instituições que então existiam nos Estados Unidos da América.<sup>21</sup>

Enquanto o público dos Estados Unidos vivia o “medo do futuro”, a historiografia estudava tribos medievais para entender um problema do tempo presente.<sup>22</sup> O progresso da nação foi tão agudo que gerou um choque causado pelas grandes cidades à sociedade – pobreza, violência, barulho, doenças – e a história, presa no academicismo, não soube enxergar o momento e gerar um trabalho capaz de guiar e saciar as necessidades do público. (BREISACH, 1993; p. 7-9).

Em 1894, o então presidente da AHA, Henry Adams, surpreendeu a todos os membros da associação ao não comparecer à reunião anual. O motivo ele explicou em uma carta enviada de Guadalajara, onde estava passando férias.

“Hitherto our profession has been encouraged, or, at all events, tolerated by governments and by society as an amusing or instructive and, at any rate, a safe and harmless branch of inquiry. But what will be the attitude of government or for society toward any conceivable of history? ”  
(BREISACH, 1993; p. 20)

Embora famoso por seu pessimismo, o receio de Adams quanto à utilidade da “ciência história” era um temor compartilhado por todos os seus colegas.

Nem os românticos nem os novos acadêmicos “de formação” conseguiam ligar os Estados Unidos a uma essência puramente americana e tão pouco achar a resposta para o problema social que reinava no momento. Uma visão panorâmica da conjuntura gera o seguinte quadro, “romancistas” e “cientificistas” misturados e em muitos casos trabalhando lado a lado. No entanto, o público estava órfão, já que essa nova história não atendia as

---

<sup>20</sup> Para o termo Teutonismo ver MOURA 1995, p. 15-17.

<sup>21</sup> Adams era seguidor dos ideais germanistas de Sir Henry Maine e Edward A. Freeman. Sobre sua corrente de pensamentos ver: MOURA 1995, p. 15-17.

<sup>22</sup> Sobre a busca na Idade Média por parte dos teutonistas ver: HIGHAM 1951, p. 455.

demandas que giravam em torno do fim da “fronteira” como espaço livre, o crescimento urbano, a industrialização e o aumento da desigualdade social, no fim do século XIX (BREISACH, 1993; p. 10-18).

Embora a tese do professor Turner agradasse e saciasse o público, logo que ela ganhou um espaço nas aulas de história nos Estados Unidos, críticas ao seu trabalho foram sendo levantadas. Deficiência quanto à base empírica e a falta de um grande livro estigmatizaram Turner como um autor limitado a ensaios e fracamente munido de explicações plausíveis para sua tese (BREISACH, 1993; p. 82-83). A corrente progressista, a qual ele é, costumeiramente, incluído, encontrou um porto mais seguro ao lado de Charles Beard. Interpretando a constituição com um viés econômico, pode traçar um arcabouço mais firme e empírico para o progresso norte-americano.<sup>23</sup>

Turner cometeu erros, contudo seus ensaios abriram uma nova era na historiografia. A utilidade da história para a vida dos leitores estava no centro das intenções de Turner

Eu tentei oferecer, assim, estas considerações: a História não deve ser tomada em nenhum sentido estrito. Ela é mais do que a literatura passada, mais do que a política passada, mais do que a economia passada. Ela é a autoconsciência da humanidade – a tentativa humana de se compreender a partir do estudo do passado. Sendo assim, ela não está confinada aos livros; o objeto é que deve ser estudado, não os livros. A História possui uma unidade e uma continuidade; o presente precisa do passado para ser explicado; e a história local deve ser lida como uma parte da história mundial. O estudo possui utilidade como uma disciplina mental, e como uma expansão de nossas ideais sobre a dignidade do presente. Mas talvez sua mais prática utilidade para nós, professores de escolas públicas, seja seu serviço em alimentar uma boa cidadania. (TURNER, 1890; p. 218)

O trecho acima fora tirado de mais um ensaio gerado a partir de palestras. O *paper* tem como título O Significado da História e foi apresentado para professores de história. O que Turner aqui prega, é o seu maior legado. A história – acadêmica – vivia uma “crise de identidade” e a ligação entre sociedade e história estava abalada. Turner tratou de deixar uma lição, de que vale história ciência sem contribuição social? A tese da fronteira deve, portanto, ser analisada com essa constante do pensamento de Turner (BREISACH, 1993; p. 63).

Turner inovou, também, ao abrir um novo campo do conhecimento, o estudo das fronteiras. Turner formou uma verdadeira academia de aprendizes que estudavam a fronteira, porém, depois dos anos 40, esse campo permaneceu semimorto até que Ray Allen Billington

---

<sup>23</sup> Uma observação relativa ao assunto é cabível. Embora Beard e outros tenham tido mais sucesso acadêmico, nenhum outro contemporâneo de Turner alcançou o impacto que ele realizou junto ao público norte americano. Sobre o assunto ver: FORD 1993, p. 144.

retomasse o estudo do tema nos 60. Fora dos Estados Unidos, o brasileiro Sergio Buarque de Holanda e o venezuelano Víctor Belaúnde são exemplos de estrangeiros influenciados diretamente pela obra de Turner (WEGNER, 2002; p. 83).

Ao abordar a fronteira e os conflitos atuantes nela, Turner remodelou a história norte-americana. A imaginação e o subjetivo desse historiador da fronteira obscureceram seu trabalho, porém, propor clivagens e conflitos na área da fronteira abriu uma nova porta para se observar “o período de formação dos Estados Unidos” (PECEQUILO, 2003; p.25).

A ambiguidade que acompanha a imagem e o legado de Turner é curiosa. Sua tese, hoje já considerada ultrapassada e mal construída, gerou um impacto inicial que logo se extinguiu, porém, as inovações que a tese da fronteira acarretou para o campo da historiografia e o apelo por uma história útil à sociedade tornaram esse, antes desconhecido professor do interior, em um ícone.

## **Conclusão**

O trabalho de Turner é bastante conhecido nos Estados Unidos. Na academia americana ela se tornou objeto de estudo indispensável para um aluno de história. Ao soar o nome Frederick Turner, pensamentos como regionalismo, fronteira e progresso são repetidos. O que não faltam são biografias a respeito do homem que criou a Tese da Fronteira.<sup>24</sup> Polêmico, porém importante personagem, que é frequentemente estigmatizado por causa de pensamentos, erros e preconceitos que ele esboça em seus manuscritos.

O comportamento de Turner frente à questão racial é controverso. Ele desvinculou o tópico “raça” de seu trabalho. No sentido positivo, tem-se um rompimento e um afastamento da origem dos Estados Unidos com povos de origem germânica. Por outro lado, Turner se esquivou de qualquer comentário quanto à questão da raça negra na América, nem sequer cita alguma participação, seja lá de qual gênero, nos trabalhos utilizados na realização do presente artigo.<sup>25</sup> A questão indígena é mais complexa. Enquanto enfatiza as vantagens do apoio dos índios para o desenvolvimento do comércio nas regiões de fronteira, ele caracteriza os nativo-americanos de ameaça ao povoamento na América, e a necessidade de defesa contra esses

---

<sup>24</sup> Sobre o assunto ver: CRONON 1987, p. 157. O autor inicia seu artigo questionando a possibilidade de qualquer novidade sobre Turner, visto a quantidade de escritos sobre o historiador.

<sup>25</sup> Todos os artigos que se encontram na coletânea organizada por Frederick J. Turner *The Frontier in American History* 1920. Já sobre a omissão das etnias afro descendentes nos EUA ver: WASHINGTON 1993, p. 230.

índios teria gerado coesão entre os colonos. Em outras palavras, eles eram parte da fronteira que ele criara (TURNER, 1920; p. 106-107).

A imaginação que foi necessária para a construção do seu trabalho também merece ser apontada. Embora tenha estudado com Herbert B. Adams, Turner não herdou o sentimento de apego à ciência. Ao observar seus ensaios – quase sempre escritos em cima da hora, já que sempre surgiam no momento de apresentar uma palestra – um leitor mais atento e familiarizado com a escrita da história, se incomoda ao não perceber notas de rodapé, citações de visitas a arquivos ou diálogos com outros autores contemporâneos. Esporadicamente uma citação aparece, todavia, na maior parte do tempo, o leitor de Turner é seu refém. Não demorou muito para que isso fosse constatado. Já na primeira década do século XX, a tese do regionalismo fora desmontada e lançada ao limbo, simplesmente por falta de plausibilidade.<sup>26</sup>

Mesmo sendo acusado de reducionismo, etnocentrismo e de ser um pesquisador “preguiçoso”, não creditar a Turner mudanças fundamentais na prática historiográfica é fechar os olhos para uma mudança que marcou a historiografia da América. Turner não era um romântico e nem um “positivista”, foi apenas um acadêmico isolado, que foi mais um “pré-progressista” do que, de fato, um membro dessa corrente do início do século XX.<sup>27</sup> Seus ensaios foram o estopim de mudanças que, agora, mais de cem anos depois da leitura de *The Significance of Frontier in American History*, ainda podem ser encontradas no mundo da historiografia americana.

### **Referencias Bibliográficas.**

AVILA, Arthur de Lima. *Território Contestado: a reescrita da história do Oeste norte-americano (c.1985-c.1995)*. Orientador: GUAZZELLI, Cesar A.B. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner: Historian, Scholar, Teacher*. Nova Iorque, Oxford University Press. 1973.

---

<sup>26</sup> Sobre a imaginação nos trabalhos de Turner, ver: LEWIS 1976, p. 399-400. Sobre o desmonte d sua tese, ver: BREISACH 1993, p. 82-83.

<sup>27</sup> O termo “positivista” é arriscado de se usar, porém, é utilizado aqui como uma alusão ao panteão de historiadores que, erroneamente, são assim classificados.

BILLINGTON, Ray Allen. Frederick Jackson Turner: The Image and the Man. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 3, No. 2. Pp. 137-152. 1972.

BREISACH, Ernest. *American Progressive History, An Experiment in Modernization*. Londres, The University of Chicago Press, Ltd. 1993.

BREWER, William. "The Historiography of Frederick Jackson Turner". *The Journal of Negro History*, Vol. 44, No. 3. Pp. 240-259. 1959

CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier: The Legacy of Frederick Jackson Turner. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 18, No. 2. Pp. 157-176. 1987

CRONON, William; MILES, George; GITLIN, Jay. *Under an Open Sky, Rethinking America's Western Past*. W.W. Norton & Company, Nova York. 1992.

CUNNINGHAM, Raymond. The German Historical World of Herbert Baxter Adams: 1874-1876. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4. Pp. 261-275. 1984

FREIDEL, Frank. *The Golden Age of American History*. Nova York, George Braziller, INC, 1959.

FORD, Lacy K. Frontier Democracy: The Turner Thesis Revisited. *Journal of the Early Republic*, Vol. 13, No. 2. Pp. 144-163. 1993.

HIGHAM, John. The Rise of American Intellectual History. *The American Historical Review*, Vol. 56, No. 3. Pp. 453-471. 1951.

HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians, Turner, Beard, Parrington*. Chicago, The University of Chicago Press. 1968.

JACOBS, Wilbur R. The Many-Sided Frederick Jackson Turner. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 1, No. 4. Pp. 363-372. 1970.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; de MORAIS, Marcos Vinícius. *História dos Estados Unidos, das origens ao século XXI*. São Paulo, Editora Contexto. 2011.

LEWIS, Merrill. Language, Literature, Rhetoric, and the Shaping of the Historical Imagination of Frederick Jackson Turner. *Pacific Historical Review*, Vol. 45, No. 3. Pp. 399-424. 1976.

MARTINS, Estevão de Rezende (organização). *História Pensada, Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX*. Editora Contexto, São Paulo. 2010.

MOURA, Gerson. História de uma História: Rumos da Historiografia Norte-americana no Século XX. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1995. P. 15-20

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: Representações da Identidade Nacional no Brasil e nos EUA*. Editora UFMG, Belo Horizonte. 2000.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Continuidade ou Mudança?*. Editora Universidade federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre 1ª edição. 2003.

POCOCK, Emil. Presidents of The American Historical Association: A Stastical Analysis. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4. Pp. 1016-1036. 1984

RIDGE, Martin. Frederick Jackson Turner, Ray Allen Billington, and American Frontier History. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 19, No. 1. Pp. 4-20. 1988.

TURNER, Frederick Jackson. International Political Parties In A Durable League Of Nations. *The American Historical Review*, Vol. 47, No. 3. Pp. 545-551. 1942.

TURNER, Frederick Jackson. O Significado da História. 2005 (1890). Tradução e Apresentação : AVILA, Arthur Lima de. In: *História*, São Paulo, Vol. 24, No. 1, Pp. 191-223, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010190742005000100008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742005000100008&lang=pt). Acesso em 20 de março de 2011.

TURNER, Frederick. *The Frontier in American History*. Edição Dover, Nova York, Editora Dover, 2010.

TUTTLE, William M. Forerunners of Frederick Jackson Turner: Nineteenth-Century British Conservatives and the Frontier Thesis. *Agricultural History*, Vol. 41, No. 3. Pp. 219-227. 1967.

VAN TASSEL, David. From Learned Society to Professional Organization: The American Historical Association, 1884-1889. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4. Pp. 929-956. 1984

WEGNER, Robert. *A conquista do oeste. A fronteira na obra de Sergio Buarque de Hollanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

WASHINGTON, Margaret. African American History and the Frontier Thesis. *Journal of the Early Republic*, Vol. 13, No. 2. Pp. 230-241. 1993